

JOAQUIM ALVES, UM VALOR NATURAL - Sol e Sombra



Entrevista: Joaquim Alves

Junho 2013
Montemor

De Pinto Barreiros a S. Torcato vai uma grande parte da história das ganadarias portuguesas.

A conduta “apertada”, o carisma sério e a determinação na continuidade permitiram as estas ganadarias alcançar o bom nome que hoje lhes é reconhecido, sob a comanda do ganadero Joaquim Alves.

“Não me trate por ganadero, um ganadero é uma pessoa que tem de saber muito disto, que tem que ter muitos anos disto, e que consegue provar ao longo dos anos que atingiu um feito, como manter um encaste, por exemplo. Eu sou criador de Toiros de lide.”

Como sucedem duas ganadarias na sua vida?

Em 2000 quando comprámos a ganadaria aos herdeiros do Sr. Simão Malta foi quase sem querer. Há um dia em o Simão Malta Júnior me abordou dizendo que tinham decidido em reunião de família vender a ganadaria e que consideravam em primeira mão que era a mim que deviam oferecer, porque julgavam ser eu a pessoa indicada para continuar. Fizem uma coisa que para mim era impensável, tanto que a minha reacção foi dizer não: “Obrigada, mas isso é uma coisa que está completamente fora dos meus planos!” Nisto, vou em direcção ao carro e quando vou a pôr a chave à porta, não sei o que me passou pela cabeça e voltei para trás. Chamei-o e disse: “A ser verdade, diz-me lá o dia em que posso ir ver as vacas.” Sem querer, no dia 31 de Dezembro decidi-me pela compra da ganadaria. Com a ganadaria Pinto Barreiros foi igualmente casual. Dois anos depois vinha de

Valência com a minha mulher e parei para almoçar em Madrid em casa do Juli, durante o almoço em conversa com os pais do Juli dizem-me eles: “Esteve aqui ontem o António a oferecer-nos a ganadaria do ferro Pinto Barreiros, não queres ver o que se passa?”, para mim era uma coisa inconcebível, uma ganadaria tão antiga... no momento até disse: “É uma ganadaria tão antiga, com tanta tradição não me acredito que esteja à venda, mas vou ver o que se passa.” Vim para Montemor, e quando vinha a chegar vi um cartaz a anunciar uma corrida Pinto Barreiros em Mora, fui a Mora à corrida e nesse Domingo falei com o Zézinho Pinto Barreiros, disse-lhe: “Zé como sabes comprei a ganadaria ao Sr. Simão há dois anos e temos pensado em aumentar, se vocês vendessem umas novilhas por tentar, era bom!”, ao que ele de imediato responde: “Não te posso vender as novilhas, mas vendo-te a ganadaria!”. Aí pude constatar que era verdade o interesse pela venda desta ganadaria. Tudo começou assim, foi um processo que se arrastou cerca de cinco ou seis meses, porque havia algumas complicações com os herdeiros. Ao fim de seis meses lá se concretizou o negócio e foi de certa forma sem querer que entrei nisto!



Duas ganadarias, um ganadero. É o homem, Joaquim Alves, que passa pela história das ganadarias, ou são as ganadarias que passam pela sua vida?

Penso que foram as ganadarias que acabaram por passar pela minha vida. Sabe que as coisas quando têm que nos vir ter às mãos, vêm sempre. Quis o destino que assim fosse, não procurei nada.

Quais as principais características da Pinto Barreiros e da S. Torcato? O que as distingue?

Penso que no fundo S. Torcato é Pinto Barreiros. Pode ter havido um critério de selecção em dez ou doze anos diferente, mas no fundo o encaste é o mesmo. Hoje a ganadaria S. Torcato é única e exclusivamente Pinto Barreiros, via Cabral Ascensão e Oliveira. Tudo o que o Sr. Simão Malta tinha cruzado foi eliminado, o

que restou foram quarenta vacas, ou trinta e nove porque uma terá morrido no transporte, todas puro Pinto Barreiros que era Oliveira e Cabral Ascensão.

Como se compõem os efectivos actualmente?

S. Torcato tem 130 vacas e 6 sementais, Pinto Barreiros tem 170 vacas e cerca doze sementais.

Mas tenho um outro projecto que passa por criar um terceiro ferro, já não é segredo até porque já há bezerros nascidos. Tirei vinte vacas S. Torcato e vinte vacas Pinto Barreiros e comprei dois Toiros Nuñez del Cuvillo, linha Osborne. Não fui à procura de bravura, fui ao encontro do que gosto e gosto muita da capa ensabanada. A expectativa é criar o tal terceiro ferro, não sei se o vou fazer se não, é uma decisão que tem de passar também pelos meus filhos. Uma coisa é certa, os bezerros já estão a nascer.

A Ganadaria de Pinto Barreiros está na origem de um elevado número de ganadarias, em Portugal e França. Pinto Barreiros (ganadero) começa por eliminar grande parte do efectivo e compra a ganadaria de Diego de Guerrita com origem Gamero Cívico, para entretanto adicionar vacas de Félix Suarez. O cruzamento com sangue de Parladé terá resultado num grande sucesso, dando origem a um novo encaste. Se tivesse oportunidade, intercedia neste processo, ou manteria tudo inalterável?

Eu tenho muito medo das cruzas! Aqui o que prevalece é Gamero Cívico, porque as vacas que vêm de Félix Suarez eram origem Parladé. Parladé por seu lado é Gamero Cívico, portanto acaba por ser a mesma coisa.

Eu sou pela ideologia de manter a linha pura, tenho muito medo dos cruzamentos. Normalmente, sai bem na primeira geração mas à segunda já não é a mesma coisa. Eu sou pelo aperto da consanguinidade.



Pinto Barreiros é um ícone, tem o ónus de ser a matriarca das ganadarias. Como se deu esta

expansão?

Há cerca de cinquenta anos o encaste Gamero Cívico – Parladé estava de moda, a seguir vieram os Nuñez, e como ganadaria brava no fundo deu origem a Dr. Silva, Cabral Ascensão, Oliveira e irmãos, Pedrosa, Manuel Cesar Rodrigues, enfim... Por vezes ponho-me a pensar, tudo o que investe hoje vem do mesmo sítio. Hoje está de moda outro tipo de Toiro, um Toiro Murube porque os toureiros também querem outro tipo de Toiro, um Toiro que incomode menos. Há que reconhecer que um Toiro encastado incomoda muito mais. É difícil arranjar-se um Toiro que ponha tudo de acordo, o toureiro, a empresa e o público.

Como considera que é avaliado seu Toiro, Pinto Barreiros?

Aos olhos do público penso que é visto como uma ganadaria mãe, uma ganadaria encastada, com os seus defeitos e com as suas virtudes. Costumo dizer que não é melhor, nem é pior, é diferente. Quando sai uma corrida dessas que anda, que transmite dá outra alegria na praça, mas as grandes figuras não querem, não gostam, não percebo porquê os outros toureiros não põem grandes problemas, mas as figuras não querem. Não percebo!

Como evoluiu o efectivo, desde que adquiriu a ganadaria em 2004?

Posso ter aumentado as vacas 15% ou 20% o resto do efectivo tem-se mantido. Rodo muito os sementais, todos os Toiros que gosto trago para trás, tento, experimento e não são poucas as vezes que isso acontece. Uma coisa importante, é que não entra nada de fora. Por vezes (não sei se o devia dizer!...), vou à camada de novilhos de três anos e se gosto... deito-os às vacas, não penso duas vezes! Acho que um Toiro antes de ser tem que parecer, e felizmente já tive três ou quatro casos que resultaram em pleno. Tenho um Toiro de S. Torcato, um castanho, que aos dois anos e meio pu-lo às vacas, e aos quatro lidei-o, saiu bravíssimo na Chamusca. Este ano tentaram-se aí variadíssimas novilhas dele, bravas como eu gosto, com raça e a humilhar.

Existem alguns exemplares que são autênticos marcos; um Toiro negro com o nº 242, o “Ratão” lidado por Manolete, que permitiu que fosse considerada pela crítica a maior faena de muleta de Manolete; outro foi um semental de nome “Fabeto” (Gamero Cívico), que terá participado na sucessão de cruzamentos de sementais de várias linhas, cujo resultado num encaste muito próprio impulsionou o aparecimento da ganadaria Murteira Grave. Que outros exemplares de respeito, recorda?

Esse Toiro o “Ratão”, não se chamava “Ratão” mas sim “Centelha”. Nessa época não existiam certificados de lide como temos hoje e esse Toiro era filho da vaca “Centelha”, o que faz sentido dado que habitualmente os Toiros vão buscar os nomes das mães. Este Toiro é muito falado, e tudo começa com uma novilhada que o Sr. José Lacerda Pinto Barreiros lidou em Madrid, em que esse novilhão ficou de sobrero e se manteve por lá na praça durante aproximadamente um ano. Habitado a andar pelos corredores e pelos curros, roubava tudo o que apanhava, razão pela qual o moiral da praça de Madrid resolveu apelidá-lo de “Ratón”. Era possível manter por lá o animal, porque os currais dentro da praça são muito grandes, além disso, os espanhóis tinham o batán que não são mais que uns currais à entrada da cidade de Madrid em La Venta de Batán, perto da estação Batán do metro, onde se mantinham as corridas um ou dois meses antes de serem lidadas em praça. Bom, mas esse Toiro acabou por sair como sobrero e foi o que deu o grande triunfo ao Manolete.

Actualmente o Dr. Joaquim Grave pouco ou nada tem de Pinto Barreiros. Agora, o Dr. Silva sim. A época áurea da ganadaria do Dr. Silva era Pinto Barreiros e esse é que com a sua sensibilidade especial comprou o melhor que havia de Pinto Barreiros.

Há ainda outros exemplares que saíram extraordinários, há três anos saiu aqui em Montemor uma corrida daquelas que marca. Houve um Toiro castanho, o último lidado nessa corrida, que marcou bastante, andamos a vida inteira à procura que nos saia um Toiro assim. Nesse dia voltaram três Toiros para casa, vendi um e os outros dois mantêm-se na ganadaria como sementais.



Como se processam as tentas na Pinto Barreiros; qual a época de tentas, com que idades são tentadas as novilhas e quantos exemplares tenta habitualmente?

Tento as novilhas com dois anos, sempre aproximadamente com dois anos. Se estivermos a falar dos dois ferros, tentamos todos os anos cerca de oitenta a noventa fêmeas. A época de tenta varia entre os meses de Fevereiro, Março, Abril, por aí.

Confesse-nos algo que queria muito ver concretizado este ano.

Gostava que a corrida que vou lidar na Moita se Deus quiser, toda a pé fosse brava e investisse e proporcionasse um bom espectáculo. Gostava muito que essa corrida saísse brava, encastada, com mobilidade, que permitisse o triunfo, não apenas por mim e pelo bom nome da ganadaria, mas muito pelo toureio a pé, pela afición, pela praça da Moita e pela empresa.

Não é fácil montar uma corrida a pé, há que arriscar, embora outras tenham saído bem...vamos ver.

À parte da selecção natural e da hierarquia definida entre o próprio efectivo, a observação do ganadero resulta na eleição dos melhores exemplares, como é que os define?

Eu tento sempre manter um equilíbrio, criando Toiros dentro do mesmo tipo para que uma corrida saia o mais homogênea possível. Mas procuro numa corrida, levar Toiros de dois ou três sementais para de certa forma ter alguma garantia.

Quer saber a minha opinião, e não me pergunte porquê, mas eu acho que o que faz uma ganadaria são as vacas.

Concordo que tem de existir uma base fundamental, e aquilo que procuro mais num Toiro é o tipo, porque acho que as vacas transmitem muito mais coisas ao Toiro do que o pai. Na minha perspectiva, há vacas que ligam bem com todos os Toiros e há outras que não ligam, eu sou bastante exigente na selecção das vacas. Quanto ao Toiro, e como disse, já dei quatro ou cinco Toiros às vacas pelo tipo. Um dos problemas graves que tive quando comprámos a ganadaria ao Sr. Pinto Barreiros foi precisamente pelo facto de só existirem três sementais, e velhos. Na dúvida onde poderia ir buscar mais exemplares para refrescar, acabei por ir aos novinhos. Um dia levantei-me de manhã, e estava de tal forma aflito de sementais, que disse: “Vá, três novinhos para as vacas!” Jogou certo, tive sorte.

A partir daí e desde sempre tenho procurado o tipo, talvez por isso hoje tenham muito mais cara do que tinham. Tinha esta ideia, e daí não me podia desviar muito porque se nos deixamos influenciar por uma ou outra experiência, cai tudo por terra.

Eu acho que as coisas mais difíceis de obter são cara e classe, principalmente a classe. Há o Toiro bravo, o Toiro bravio, o Toiro que marra, mas... marrar todos marram, no entanto poucos investem. O Toiro que investe, que tem classe e que vem a galopar é muito difícil, muito difícil.



Quantos curros das suas ganadarias serão lidados em 2013?

S. Torcato vai lidar três curros, dois já estão destinadas falta um. Vai uma corrida para a Lourinhã, outra para a Moita.

Pinto Barreiros, vai uma corrida para o S. Pedro em Évora já a 29 de Junho, em princípio vamos a Coruche, à Moita, estava previsto Estremoz mas está dependente das obras da praça estarem ou não concluídas, está uma corrida vendida a uma empresa embora ainda sem destino e vamos a Ferrel, próximo de Peniche. Ferrel o ano passado deu uma corrida bravíssima, têm lá montada uma arena espanhola, onde o espectáculo foi um sucesso de tal forma que ficou logo acordado regressar

este ano.

Imagine que sai à praça o melhor exemplar da camada, quem o lidaria?

A pé o Juli, somos amigos íntimos, frequenta muito a minha casa e a minha mulher tinha uma amizade especial por ele. Acompanhámo-lo sempre desde miúdo.

Gostava muito que um dia isso pudesse acontecer, somos muito amigos.

Não está nos horizontes mas não é impossível. Um dia até se podia concretizar aqui em Portugal, hoje não é fácil dadas as questões financeiras, não faço ideia de quanto ele poderá cobrar para vir cá. Aqui em casa já toureou muitas vezes, foi ele quem veio inaugurar o novo tentadero, um dia sozinho com seis vacas.

Teme por um amigo, se o vir lidar um Toiro seu?

Não. Nunca me deu medo ver alguém lidar um Toiro meu. Quando eles embarcam aqui, deixo-os à sorte deles, que seja o que Deus quiser.

Há uns anos aqui em Montemor, um Toiro pequeno, veja bem como são as coisas, era um de S. Torcato e tinha perto de 450kg. Eu tinha grande fé naquele Toiro nem sei bem porquê mas tinha, ele até teve para ficar de sobrero mas acabou por entrar na corrida, sabe o que deu?! Partiu uma perna ao Vítor Ribeiro. Saiu bem, foi bravo e são coisas que acontecem.



Componha um cartel para o seu melhor curro.

Se eu hoje tivesse que montar um cartel com uma corrida Pinto Barreiros era, a cavalo um mano-a-mano entre o Ginja e o Salgueiro Júnior, a pegar Montemor em solitário no Campo Pequeno.

A pé, se fosse possível (que não é!) o Juli com seis Toiros em Vila Franca de Xira na Palha Blanco.

Quais as principais adversidades que tem encontrado na gestão das ganadarias?

Hoje o controlo sanitário que temos obriga a um maneio difícil e complicado. Adversidades?! Por vezes deparo-me com situações em que os toureiros não querem tourear os meus Toiros, não me prejudicam, mas criam um mal-estar entre todos, a empresa tem uma vontade, o toureiro tem outra. Embora, eu felizmente não tenha tido grandes problemas com estas situações. Outro tipo de adversidades que têm ocorrido na minha vida é que me têm feito dedicar ainda mais às ganadarias, nos últimos três ou quatro anos isto é que me tem ajudado a ultrapassar tantos problemas que tenho tido como a doença e morte de familiares.

O que será das ganadarias se os jovens não voltarem ao campo?

Acabam, mas eu tenho esperança que isso não aconteça. Há-de haver como em tudo na vida, alguém que dê continuidade às coisas.

No que me toca, a minha filha não é muito aficionada, o meu filho é que gosta muito disto. Embora o meu filho tenha uma maneira diferente da minha de ver o Toiro, sei que é aficionado e um dia poderá continuar. O futuro a Deus pertence, ninguém sabe o dia de manhã.

Também lhe digo, uma pessoa que se disponha a sacrificar-se por isto como eu, igual a mim...isso aparece um muito de vez em quando. Levar uma ganadaria brava, não é só voltar à terra, isto tem um maneio diferente, é preciso ter uma sensibilidade especial, é preciso gostar muito e ter espírito de sacrifício, porque se abdica de muita coisa pelo Toiro. Isto tem dias muito difíceis, e quando pensamos que as coisas estão equilibradas, não estão. Até ao dia em que o Toiro sai à praça, são cinco anos de trabalho árduo e difícil, porque há dias muito complicados.



Se as suas palavras

chegassem a toda a afición, o que diria?

Que façam um sacrifício, que se sacrifiquem em ir às corridas. Porque as pessoas dizem que há crise, eu não sei se há, toda a minha vida passei pela crise e parece-me que tudo tem estado sempre igual.

Bem sei que é caro ir aos Toiros, sempre foi. Há vários vícios que são caríssimos, talvez ir aos Toiros até seja dos mais baratos.

Quem é Joaquim Alves Lopes Andrade?

Sou um romântico da Festa. Sou um agricultor alentejano, aficionado, um doente pela Festa dos Toiros e quis a ironia do destino que por volta dos cinquenta anos me viessem ter às mãos duas ganadarias emblemáticas e que eu tenho tentado ao longo deste anos manter. Com um certo orgulho pessoal posso dizer que, se não

fosse eu estas ganadarias não existiam, nomeadamente a Pinto Barreiros teria desaparecido. A ganadaria estava num baixo grande, recuperá-la foi difícil e ao longo dos últimos seis ou sete anos apareceram curros Pinto Barreiros que as pessoas já não esperavam ver.

Ana Paula Delgadinho